

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 10 DE DEZEMBRO DE 1876.

NUMERO 9.

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

DOLORES

(Continuação)

VI

D. Garcia era conversador, como já disse. Eu sou-o ás vezes, o que digo agora para conhecimento do leitor. Sentamo-nos. Leu-se a «Epoca» de Madrid. Analysamos as noticias da guerra carlista que rebentára pouca antes. Discussimos politica, religião e tudo que nos veio á cabeça. Elle era intelligente, e sobretudo tinha grande pratica dos homens e conhecimento das suas paixões e tendencias. Em religião seguia o que vulgarmente se chama—ideias do seculo—. Eu, sem faltar ao respeito devido a quem me recebêra com tanta franqueza e amisade, combatia-lhe as ideias, fingindo ceder sempre, mas apresentando novas objecções *by the by*, como dizem os nossos fidelissimos alliados os inglezes.

No fim d'um quarto d' hora de conversa, ficou convencido que eu jantasse lá. No fim de meia hora decidiu D. Garcia que tambem devia dormir, porque de certo não chegava a Caminha a hora de encontrar a diligencia do Neves. Foi preciso resignar-me. Não o fiz com repugnancia. Ha certas pessoas que teem o condão de pôr as visitas á sua vontade. A mim parecia-me que estava em casa de pessoa minha amiga d'ha muitos annos.

—Vou mandar preparar as coisas, disse elle.

E tocou uma campainha.

Appareceu a creada gallega.

—Vá chamar a menina, ordenou D. Garcia.

VII

Eu tinha-me chegado ao piano e estava distrahidamente lendo o titulo em francez d'uma walsa de Weber. Pensava em coisas de religião, na desmoralisação geral, em todos problemas sociaes que occupam em nossos dias a imaginação dos philosophos e dos que o não são. Esquecera-me que tinha feito certas observações á entrada de casa que me levaram a julgar haver alli alguém do sexo amavel. Aquellas palavras—«Vá chamar a menina» acordaram-me de sobre-salto. Reparei para a minha pessoa e vi que não estava decente para apparecer a senhoras. Os dois kilometros de má estrada da margem do rio até á Guardia, não se andavam impunemente. Fiz esta observação a D. Garcia. Elle respondeu-me:

—A minha Dolores não é de cerimonia.

Depois contou-me que era viuvo e natural, assim como toda a sua familia, de Lebrija, na Andaluzia, perto da grande ilha que o Guadalquivir parece apertar em seus musculosos braços em amoroso amplexo. Que a filha lhe ficára muito nova. Que recebera como heranças d'uns parentes afastados a casa em que estavamos e outras coisas que levaram um quanto d' hora bem puxado a contar. O tempo que Dolores naturalmente gastára a preparar-se para vir á sala.

Abriu-se finalmente uma porta, e appareceu Dolores.

Se em lugar de eu estar relatando um caso muito pouco asado para guindadas concepções poeticas estivesse escrevendo um poema, seria agora occasião opportunissi-

ma de invocar as nove musas e todos os outros gloriosos habitantes do Parnaso para que me inspirassem na descripção do lindissimo rosto de Dolores. E que pena eu tenho de não ter natural propensão para versejar! Oh, aquelles olhos negros, languidos, voluptuosos até á loucura, valiam cem poemas! Aquella bocca que se abria no mais delicioso sorriso que é dado a olhos humanos admirar, valia todos os versos que se tem feito desde as melopeias dos pastores ante-deluvianos, que por força deviam de ser muito desenxabidos, até aos compridos e esdruxulos versos dos modernos poetas da escola modernissima.

Não tenho, pois, os recursos descriptivos dos poetas. Restam-me os dos romancistas. Mas Alphonse Karr rebellou-se contra o habito de fazer do rosto d'uma dama mostrador de preciosidade. Os labios de coral, os collos d'alabastro, os cabellos d'ebano passaram desde então á cathegoria de *logares-communs*, e já era tempo. Que resta pois, a quem se vê obrigado a descrever um rosto formoso?

Dizer a verdade chãmente. Dizer que ha bellas indiscriptiveis, e que impressionam a alma a ponto de haver unicamente energia para balbuciar—é linda!

Creio que fiz a Dolores o cumprimento mais desengraçado que se pôde imaginar. D. Garcia apresentou-me. Disse o que sabia de mim, que pouco era, e exaggerou as minhas qualidades moraes. Dolores respondeu com voz harmoniosa na lingua hespanhola, que nós achamos tão gutturalmente rude nos homens e tão suave quando pronunciada por labios feminis.

Eu fechei os olhos e escutei-a, como quem escuta uma melodia.

(*Continia*)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

A' BEIRA DO MONDEGO

Mondego! pela grandeza,
Pela vetusta nobreza
Da alta mãe, que o ser te deu;
E te deu—puro regato—
Do famoso Viriato
Nobre pranto que verteu,
Vendo em p'rigo a terra sua,
Pela qual em guerra crua
De Roma as hostes venceu:

Mondego! pelos amores,
Que entretens co'as lindas flores.
Tão namoradas de ti
Que, debruçadas na margem,
Pendeu aos sopros da aragem
Te conduzam para alli;
E tu, não perdendo o ensejo.
Vais depôr-lhe terno beijo
Sobre as pétalas,—que eu vi...

Mondego! pela saudade,
Pela cruel orphandade
Que inda choras d'essa Ignez,
Cujos ais ternos, carpidos,
Juncto a seus filhinhos q'ridos,
Lhe escutaste muita vez,
Quando a morte já previa,
Que d'um rei a tyrannia
—Por amar!...— sentir-lhe fez:

Por tudo isto, meu rio;
Pelos vergeis que no estio
Vais tornar, ai!, tão gentis...
Cujo feudo lhe recebes
Em fragancias mil das sebes,
Em mil aromas subtis;
Ah! por tudo... sim! te peço
Que á donzella, que estremêço,
Vas levar-me o que a alma diz.

Conta, conta-lhe a tristeza
Com que me rala a incerteza
D'um affecto, igual ao meu;
Dize-lhe quanto a venero;
Que neste mundo só quero
Dizer-lhe—és minha! sou teu!...—
E, da terra ao apartar-nos,
Que voêmos logo a amar-nos
Eternamente no Céu.

E se a voz melancholica,
D'entre a poesia bucolica
D'essas margens, conseguir
Que, ao ouvir toda a tortura
De minh'alma, com ternura
Doce pranto vá cahir:
Deposita n'uma hervinha
Essa riqueza, tão minha;
Que eu depois lh'a vou pedir.

E quando o braço do oceano,
Com seu poder sobrehumano,
Te fizer retroceder;
Ao passar pelo arvoredado,

Mesmo a elle o meu segredo
 Não digas que vens trazer...
 Quero sabê-lo primeiro!...
 Que é só meu... e todo inteiro
 Quero sabê-lo e... morrer.

Montemor-o-velho

JOSÉ D'ORNELLAS.

O LOUREIRO

Ha muitas especies de *loureiros*; mas o mais celebre e o mais conhecido, desde remotissimos tempos, é o *loureiro commum* ou *ordinario*, chamado tambem *loureiro de Apollo*, porque sempre tem servido os seus ramos para fabricar as corôas dos vencedores. E' originario de Creta e do monte Atlas.

Esta bella arvore eleva-se a dez metros com pouca differença, no sul da Europa, na Asia menor, e na Africa septentrional, onde cresce espontaneamente.

Ha, tambem, formosos espécimens d'esta arvore em algumas das nossas mattas, e nomeadamente nas da Arrabida e Monchique. E' dura e elastica a sua madeira, e conserva longo tempo o seu cheiro aromatico. Dão as suas bagas um oleo muito usado em unções contra as dores.

São impregnadas de succos aromaticos todas as partes d'esta arvore, e servem de perfume e condimento.

Sempre foi o loureiro a recompensa das virtudes militares, e dos grandes talentos.

Nenhuma arvore foi mais celebre na antiguidade, e mais cantada pelos poetas.

Era particularmente consagrada a Apollo, porque, segundo a fabula, fôra transformada em loureiro a nympha Dafne, fugindo ás perseguições d'este deus.

Era crença dos antigos, que o loureiro communicava o espinto de prophacia, e o enthusiasmo poetico. A crepitação que fazia ardendo, annunciavam os acontecimentos futuros; e era ruim signal, quando ardia sem crepitar.

Os que iam consultar o oraculo de Delphos, coroavam-se de louro no regresso, se do deus haviam recebido resposta favoravel.

Os que desejavam sonhos felizes, punham folhas d'esta arvore debaixo do travesseiro.

Era tambem o symbolo da victoria. Quando se distinguiam por acções glorio-

sas os dictadores e os consules, cercava-lhes o louro as faces.

No primeiro dia do anno plantavam-se ramos d'esta arvore ás portas dos palacios dos imperadores. Chamava-lhe por isso Plinio o *porteiro dos Cesares*, a guarda fiel dos seus palacios.

Era crença dos antigos, que sómente o loureiro lograva o privilegio de não ser fulminado pelo raio.

Consideravam os medicos o loureiro como uma panacea universal; e por esta razão de certo, é que se ornavam com elle todas as estatuas d'Esculapio. A's portas dos aposentos dos enfermos collocavam alguns ramos para lhes tornar propicio o deus do medicina.

Por longo tempo foi uso nas academias cingir de uma corôa, feita de ramos de louro com suas bagas, os jovens aspirantes aos graus academicos na occasião em que se lhes conferiam; e d'aqui proveio o termo *baccalareatus*, como quem diz ornado com bagas de louro; d'onde egualmente derivou o termo *bacharel*.

A este uso alludiu Camões, quando referindo-se á fundação da Universidade de Coimbra, cantou assim:

«Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
 Do béccharo, e do sempre verde louro»

Com uma corôa de louro se recompensavam tambem, na idade média, os poetas, os artistas e os sabios, que se haviam distinguido por brilhantes successos: e foi o que deu origem ao termo *laureado*.

Portalegre.

RODRIGUES DE GUSMÃO.

A CAIXA DE RAPÉ

A caixa de rapé está sendo hoje um adminiculo indispensavel do meu sexo, logo que a idade nos vae tornando grisalhos os cabellos, e nos fórça então a pensar com seriedade nos negocios da vida.

Se me não falha a memoria, foi nos annos de 1520, que os hespanhoes trouxeram da America para a Europa a planta do tabaco.

Trouxeram-na da cidade de *Tabaco* no Yucatan; e deram-lhe com justiça o nome da patria que a produzia.

Já se vê, que n'esse tempo tinham elles o nariz fino, para lhe saborearem o chei-

ro; assim como tinham tambem os braços longamente impulsores, para atirarem com ella do novo mundo ao velho.

Alguns annos depois, appareceu tambem esta mesma planta em França, levando-a alli João Nicot, embaixador d'aquella nação entre nós; e para conseguir celebrar o seu nome, deu-lhe o de *nicotiana*, oriundo do que elle tinha.

Perdeu todavia o tempo João Nicot; por isso que o tabaco, privado assim do seu nome de baptismo, não tardou a reivindicar-o, para nunca mais o perder.

Pelo que diz respeito á caixa do rapé, não ha certidão da sua idade nos archivos d'Yucatan: mas estão d'accôrdo os antiquarios d'ambos os mundos, em que ella é a irmã mais nova do affamado *sternutatorio*.

O que não tem duvida alguma, é que não ha nada mais diplomatico em todo o mundo, nem mais util e importante, que a caixa de rapé.

Procura um poeta um consoante, e não atina com elle. Mette os dedos na caixa, toma uma pitada, e os consoantes jorram-lhe da memoria a flux.

O que se dá com o poeta, dá-se com o escriptor, em relação a uma idea, a um thema, a uma discussão.

Trata-se d'uma pretensão d'importancia?

Basta que o pretendente se apresente diante do concessor, sustentando o seu memorial n'uma mão, e a sua caixa na outra.

Por meio d'uma pitada que se dê ao escudeiro, está-se dentro em 3 minutos com o domno casa.

Se um medico visita um doente, precisa tomar uma pitada, depois de lhe tomar o pulso: e se a não tomar com pausa e reflexão, não valerá nada diante dos olhos dos que o rodeam.

Se algum gárrulo, no meio d'um discurso, lhe faltarem as palavras para o thema; a quem poderá elle recorrer com ar de triumpho, a não ser para uma pitada com toda a etiqueta?!

Só assim poderá encobrir aos circumstantes, com ares de sabio, a falha de palavras e d'ideas no seu assumpto: e acabada a pitada, poderá outra vez retomar o fio quebrado da exposição.

Mas para que é preciso alongar mais os meus exemplos?

Basta dizer-se, que não ha diplomata que não cheire, nem ministro d'estado que não use de caixa.

Não ha domna de casa, que não se

acostume ao rapé, para se entreter a si no interior da familia, e para animar a attenção dos estranhos nos convívios domesticos.

A caixa do rapé é hoje o symbolo da amizade.

Offerecer uma pitada, é mais que apertar a mão. E' dar o nome d'amiga cordial, á pessoa a quem ella é offerecida.

Com uma pitada reciproca, está sancionada a *sancta alliança* dos convivas.

N'uma palavra, com uma pitada reflectida, dispomos-nos para adivinhar o futuro da humanidade; para estabelecer o equilibrio das nações; para regular os negocios do estado; para manter e conservar a saude do individuo.

Com uma pitada em fim, damos animação ás fabricas, augmentamos as contribuições da nação, e livramos da ociosidade a não poucos operarios.

Enchemos os narizes a final de contas; e descarregamos os pezamentos da cabeça.

*
* *

Não póde alongar-se mais n'esta occasião, a que deveras estima os illustres col-laboradores da *Borboleta*, de quem sempre se confessará grata

Ilha de S. Miguel.

EMILIA BETTENCOURT.

~~~~~  
NUVENS...

Como as nuvens do ceu a minha vida errante,  
—Zona d'escuridão n'um luminoso espaço,  
Entre as sombras fluctua e gelos do cançasso  
Perdida a relembrar uma visão distante!

E em quanto aos outros surge aurora deslumbrante  
Que traz ninhos d'amor no romanesco abraço,  
Eu vivo na agonia e solitario passo  
Varado por um vento agudo e penetrante!

No silencio ideal da noite mysteriosa  
Minh'alma dolorida aos sonhos côr de rosa  
Dos annos infantis, envia uma saudade;

E se cravo no Azul o meu sombrio olhar  
E' só p'ra me carpir, é só p'ra me queixar  
Da injustiça de Deus, que habita a Immensidade!

Porto.

ALVARO FÉRNÍ

## GLORIAS BRASILEIRAS

## III

## Junqueira Freire

Em 24 de Junho de 1845, cerrava-se o tumulo sobre um dos poetas mais primordiosos, que o Brazil se ufana de ter criado.

Espirito gentil, coração aberto a todas as ideias grandes e generosas, a Junqueira Freire, que era este o nome do poeta fallecido, estava-lhe preparado um futuro grandioso no seu paiz, se a morte o não arrojasse com 24 annos de idade aos regelos do sepulchro!

A cidade da Bahia, que o vida nasceu dentro de seus muros, que o vira tomar o habito de monge beneditino em 10 de fevereiro de 1851, orgulhava-se de tão illustre filho, e foi ao ver cortadas as esperanças que n'elle depositára, que ella se debruçou triste e silenciosa sobre o tumulo que lhe escondia para sempre o seu querido poeta.

O seculo presente, por mais que lidem e procurem os poucos e já cansados sonhadores do retrocesso em lhe chamar o seculo sem crenças, sem fé e sem caracter, é, sem contestação, aquelle que hade deixar o seu nome inscripto em indeleveis caracteres de oiro.

As nações livres attentarão ás eras porvindouras, que é a este seculo, que aos povos devem terem-se-lhe partido as gargalheiras que os escravizavam.

Os novos codigos sociaes, as grandes reformas nas leis penaes, commerciaes, judiciais, administrativas e municipaes, são os tropheos mais esplendurosos do seculo em que vivemos.

Os soffrimentos da humanidade minorados, e a caridade evangelica melhor comprehendida, são legitimos triumphos de um seculo illustre,

As sciencias no gráo a que teem attigido, e as artes no primores que appresentam, são nobilissimos brazões da nossa época.

Franco para todos está hoje o alcaçar das sciencias, porque a chave que o vedava ás classes consideradas espurias, foi quebrada e lançada a pélagos immenso, quando a luz da civilisação moderna fez conhecer a todos, os direitos do homem.

Junqueira Freire, que entrara para a vida monastica aos 19 annos, não tardou em reconhecer que não era aquelle o esta-

do para o que chamava a sua vocação. As lides da intelligencia, o amor que votava á humanidade, a reforma de muitas leis que elle desejava, para que os povos se prendessem em doce laço de fraternidade, fizeram com que requeresse a sua secularisação, que lhe foi concedida em Roma por breve em 1854.

O monge poeta era, como outros muitos, um utopista: mas utopista sublime, por que todas as suas crenças religiosas e politicas firmavam-se na ideia de Deus perante cujo nome elle curvava a cabeça; e na fraternidade dos povos que elle na solidão do claustro, via lutar com a miseria e com poder dos grandes que os vexavam. E d'esse amor que o seu coração votava a todos os homens: nasceram muitas das suas poezias, que retratam bem a grandeza d'aquella alma, que hoje goza no império a felicidade que sonhava na terra.

Quantas vezes na sua egreja ao levantar nas mãos a Hostia sacrosanta por entre os fumos do incenso e as harmonias suavissimas dos canticos sagrados, os olhos se lhe não humedeceriam de lagrimas recordando os soffrimentos do Martyr Divino do Calvario em prol da humanidade inteira!

Quantas vezes desparadamente das vestes santas, e recolhido á sua estreita cela, com a alma a trasbordar de amor, não entregaria ao papel as suas inspirações colhidas sob as abobadas do templo!

Ahi está o seu livro, as «Inspirações do Claustro» para nos provar a grandeza da sua alma, e o portentoso genio com que a Providencia o dotára.

Alta noite, sosinho entre quatro paredes nuas e com acanhado pavimento, tendo por ornamento a Christo crucificado, elle, o moço monge, abrindo a estreita janella e contemplando a cidade adormecida, e a lua prateando aquella immensa bahia que cerca a antiga cidade metropolitana, elle não dizia, volvendo os olhos á imagem de Christo allumiada pela tenue luz da alampada:—Dormes, cidade opulenta, mas quantas familias a estas horas em que os felizes repousam em macios colções, se não debatem no meio das dôres phisicas, ou não lutam com a miseria!

Tu ó Christo, que baixaste á terra e que n'ella provaste o calix d'amargura e a ingratição dos homens, que proclamaste por teus labios divinos a igualdade do homem e disseste que a caridade era a teus olhos o mais bello mandamento da

tua lei, faze que a justiça seja verdadeiro sustentaculo da sociedade e que os felizes do mundo lancem seus olhos para as classes soffredoras e amparem os desgraçados com o seu oiro e dêem aos orfãos, aos pequeninos que tu beijaste e afagaste, o pão do corpo e do espirito.

Tem-se feito muito n'este seculo, Senhor, mas ainda não attingiu ao que minh'alma aspira,—á verdadeira fraternidade.

Junqueira Freire era uma nobilissima alma, e um grande talento. Se tivera vivido mais tempo, e fóra da vida monastica o Brazil ter-lhe-ia devido muito.

Não approuve á Providencia conservar-o n'este mundo, e chamando-o a si na flor da mocidade, quiz premial-o cedo pelas virtudes que o adornavam.

Junqueira Freire, Casimiro d'Abreu e Alvares de Azevedo, eram tres poetas com um só destino—amar, cantar e soffrer.

Braga

SOARES ROMEO JUNIOR.

### SEMPRE ELLA

Do mar os abyssos não são mais profundos,  
Não é mais deserto da Lybia o sertão,  
Nem tem mais sombrios negrumes a noite  
Que o vacuo medonho do meu coração.

Um ente me falta, e de tudo careço;  
Vagueio em silencio apoz Julia vêr;  
E como a não vejo, me entrego á saudade,  
Que é só quem me pode este vacuo encher!..

Sentado no pico do sêrro alteroso  
Os mares contemplo, que as abas lhe morrem:  
Então meus suspiros nos ares se perdem,  
E minhas esp'ranças do seio me fogem.

Se a aurora desponta toucada de luz  
Com rizo mimoso d'alvo cherubim,  
E' Julia que eu vejo com gesto tão meigo  
No sorrir da aurora sorrindo p'ra mim.

Aos umbraes da noite, no roxo horizonte,  
Quem é que lá vejo de prantos banhada?!  
E' ella... é Julia; ou é a saudade,  
Que me aponta Julia no Ceu retratada!..

E quando esses mares, e a terra, e o ceu  
Se affogam em negra, triste escuridão,  
Então só a enxergo qual astro perdido  
Na noite profunda do meu coração!..

Silencio!... que escuto?! que voz tão saudosa  
Me invoca por entre o conversar das aguas?..

Amarga ironia! um sonho escarnece  
De mim que deliro da dôr entre as fraguas!

O' sombria estrella do vate infeliz!  
Vive só d'esp'ranças, só vive d'amôr;  
E quando as esp'ranças floream viçosas  
O ferreo destino decepa-as em flôr.

Vianna do Castello.

BALTHAZAR WERNECK.

## EMILIA, A FIDALGUINHA

Romance original

(Continuação do n.º 6.)

### CAPITULO II

#### Uma festa de familia

As recordações da infancia são as mais suaves e as mais duradouras, conservam-se inalteraveis no meio das grandes amarguras;—nem o tempo as destroe, nem os lances da sorte as diminuem. E que o digam Alfieri, Goethe, Byron e Canova, Mozart e Camões!

Quando se sente o desfalecer das crenças, que a realidade da vida vem esboroar os castellos dourados e extinguir o gozo da esperanza, transformando o dia da ventura em noites tormentosas, e os ardores da phantasia em esterilidades de morte, as recordações da infancia veem sempre adelgaçar as sombras do infortunio, vasando n'alma o orvalho da saudade.

Nada poderá apagar as lembranças d'essa risonha quadra em que a vida se deriva, semelhante ao veio crystallino, por entre feiticeiras rosas; e em que o céo tem mais transparencia, os astros mais irradiações, a lua mais mysterios, e mais poesia os crepusculos.

O homem vive de recordações e esperanças.

E são muitas vezes as risonhas lembranças do passado, que lhe soldam os elos da existencia; caminha cheio de fé pelo calvario da vida, porque ja foi feliz um dia: ainda erê na felicidade, como o desgraçado que perdeu a vista, no sol que outr'ora lhe deixou vêr as pompas da natureza.

Voltemos, amavel leitora, a presenciar aquelle quadro de familia.

A fidalguinha, com a imaginação des-

pertada pela presença de Angelo, vê desenrolar-se formoso e sereno o painel da sua infancia; e recorda-se com immensa saudade do tempo em que Angelo corria com ella pelas avenidas do seu jardim.

Emilia continua a fital-o com um sagrado respeito; e sente uma estranha alegria, quando Fernão de Aboim o incita a progredir na sua nobre carreira.

Quer tambem excital-o ao trabalho e á gloria, porem os seus labios não ousam manifestar o seu desejo; mas os seus olhos parecem trahir os segredos da sua alma.

—E' verdade, diz Fernão de Aboim, ha pouco sua mãe fallou-me em um quadro e eu desejo vel-o, Angelo.

—E eu desejaria que o não visse! exclama Angelo, com aquella modestia propria do talento.

—E porque?

—Porque não tem nenhum merecimento artistico, senhor fidalgo.

—Sei que a modestia é a flor mais mimosa do talento; mas detesto-a, quando ella nos prive de admirarmos os fructos da intelligencia.

(Continúa)

Porto.

SOUSA MOREIRA.

### A' AMADA

(Imitação de uma cançoneta de MONTI)

Em quanto a idade o pede,  
Busquemos o praser;  
Tempo de amor colher  
Passa e não torna.  
Triste decorre a vida  
Sem a amorosa flor;  
De rosas bello o Amor  
Sempre se adorna.

Que vale, ó doce prenda,  
De amor a isempção!  
Tão louca presumpção,  
Meu bem, despresa.  
A's nossas almas deixa  
Amante delirar;  
E' só feliz sem par  
Quem amor presa.

Fonte de pranto e maguas  
Alguem o amor diz ser;  
Mas tu não queiras crer  
Tal impostura.

A dois fieis amantes  
Dá gozos mil o amor,  
Nem quebra o seu primor  
Leve amargura.

Quanto mais és formosa  
Mais deves a Amor fé;  
Tal da belleza é  
Foro devido.  
Amemos. Corre o tempo:  
E um dia sem amor,  
E' só dia de dor,  
Dia perdido.

Braga.

LR. PATROCINIO DA COSTA.

### A PALAVRA

(Continuação)

Nem o grande numero d'escravos, nem os centenares de monges, exclusivamente empregados em copiar manuscritos, nem a perfeição artistica a que pôde chegar este distincto emprego, foram só por si capazes de derramar a sciencia em todas as espheras sociaes.

Apezar de todo este enxame de copistas o systema produzia resultados muito lentos que saiam carissimos; só a Egreja e os poderosos da terra podiam possuir bibliothecas de manuscritos; as classes menos favorecidas, posto que mais numerosas, viam-se privadas de fruir as salutaes delicias do saber.

Além d'isto, a este modo de reproduzir a palavra era mister juntar outro requisito essencialissimo, a rapidez, sem o qual as nações estacionariam por largos annos. Então o pensamento manifestava-se apenas no livro, volume ordinariamente de muitas folhas, porque se desconhecia ainda o periodico, a pagina subtil que vã d'um a outro imperio.

Adormeciam os povos na obscuridade e inercia, e eis que um talento extraordinario conseguiu dar-lhes o arrojado impulso de que necessitavam.

Esse grande homem, que empunhando vigorosamente o esplendido facho da civilização, emancipou o genero humano da ignominiosa e torpe servitude da ignorancia, foi o immortal João Guttemberg, o celebre revolucionario do pensamento.

Lisboa.

(Continua)

CARLOS A. D'OLIVEIRA.

## TRAVESSURA

Eu via sempre entrar lindo parda  
Na rama vèrdenegra do sobreiro  
Que s'eleva acolá, n'aquelle outeiro,  
A' laia de monarcha sem rival.

Um dia puz-me á espreita, e quando mal  
Traz um carvalho me postei fronteiro  
Entrava o passarinho prazenteiro  
Gorgeiando contente e festival.

Depois que elle saiu, subi curiôso  
E vi n'um bello ninho três novinhos  
Em grupo interessante e gracioso.

Imprudencia fatal! os passarinhos  
Em vão gemiam já, que o pae teimoso  
Deixou morrer de fome os pobresinhos.

Soutello.

M. M. MANSO

## PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

*Recreio Infantil* — Periodico dedicado ás crianças portuguezas e brazileiras.—Editor J. H. Verde.

Temos sobre a meza os primeiros 8 n.<sup>os</sup> do volume 2.<sup>o</sup> d'esta bellissima publicação, que tem o fim mais santo e sympatico — a educação dos pequeninos. Historiasinhas escriptas com adoravel simplicidade; ensinamentos uteis postos ao alcance das intelligencias ainda incultas da infancia; — umas e outros acompanhados de formosas gravuras; — ditos sentenciosos tendentes a formar o coração das creanças, fazendo-as cidadãos uteis a si e á sociedade: — eis o que em resumo nos parece o *Recreio Infantil*.

No meio de tantas publicações estereis, ou nocivas, que por ahí pululam; quem não se sentirá atrahido para tão nobre missão, como a que está desempenhando o snr. J. H. Verde?

Do que deixamos escripto deve inferir-se que nós recommendámos, muito e muito, aos paes de familia a aquisição do *Recreio Infantil*, um dos poucos jornaes portuguezes dignos de toda a protecção e acolhimento.

Ao mesmo editor temos tambem a agradecer o mimo de dois interessantes livrinhos, que se intitulam *O menino e o gigante*, e o *Barba azul*. São dois pequeninos contos, ornados de gravuras coloridas, para recreio das creanças.

*Leituras populares.*—(N.<sup>as</sup> 6 e 7 do 6.<sup>o</sup> volume do segundo decenio).

Pertencem estas cadernetas que temos presentes a um excellente jornal, que, não obstante a sua já longa existencia, passa quasi despercebido no meio da alluvião de folhas politicas que innunda o nosso paiz.

Pois é digno e muito digno de ser conhecido e lido; porque as doutrinas que elle advoga e procura diffundir com denodo e garbo, não são das que destroem, mas das que edificam.

Quizá não falte quem, pouca justo, interprete menos razoavelmente estas palavras. Estamos tão acostumados a que se envenene as nossas intenções, que não nos surprehenderá que assim succeda. Mas fique dicto d'uma vez por todas: — a *Borboleta*, não entende, não quer entender, de politica. E' possivel que quantos collaboram n'este jornal tenham as suas opiniões politicas; essas, porem, nunca tiveram, não teem, nem jámais terão, ingresso no escriptorio do nosso humilde semanario. Os escriptos aqui publicados são considerados exclusivamente como litterarios; porque EXCLUSIVAMENTE litterario é este jornal.

Isto parece divagação; mas era de necessidade que ficasse aqui bem espalmado,

Voltando ás *Leituras populares*, divemos, para terminar, que constituem volumes curiosissimos, e de leitura muito amena, delectavel, e não menos util.

*Jornal das Damas.* — Editor J. J. Bordallo — Redactor Barbosa Nogueira.

Recebemos o n.<sup>o</sup> 119 do *Jornal das Damas*, unica publicação de modas que temos em Portugal. Cada n.<sup>o</sup> traz dois figurinos gravados e illuminados em Pariz, e a respectiva descripção dos ultimas modas.

*O Anjo da Guarda*, por Henrique Perez Escrich — Versão de Cruzeiro Seixas.

Recebemos tambem o fasciculo n.<sup>o</sup> 5 do *Anjo da Guarda*, formosissimo romance de Escrich, em publicação pela empresa *Cura de Aldeia*.